



4

## Jambo, jambo!<sup>1</sup>

Não é possível conhecer a história do Brasil sem o conhecimento da história dos povos que deram início à nação brasileira. Os africanos, na sua maioria, ao serem forçados a virem para cá, trouxeram consigo a sua própria África – um precioso patrimônio cultural, material e imaterial, intrínseco nos objetos, hábitos, textos orais e escritos, rituais e muitos outros saberes, que dizem respeito a diversas áreas.

Reconhecer a presença africana amplia a nossa concepção de mundo e permite perceber aspectos das relações entre povos e regiões do planeta pouco conhecidos e compreendidos ao longo do tempo. Tal aprendizado ilumina nosso entendimento sobre processos históricos e dinâmicas sociais.

A cultura afro ou negra é vasta, rica, e transcende fronteiras. Por muito tempo, e ainda hoje, mesmo com os avanços conquistados, é mister que a discussão ocorra e continue ocorrendo. A disseminação da cultura afrodescendente avança nas mais diversas áreas, desde a linguagem, passando pela arte, e ganha evidência na capoeira, misto de dança e luta, até chegar à culinária, vestuário e religião, entre outras. Ela também incorpora traços indígenas e europeus. Sua influência é incontestável na música brasileira. Vale lembrar os batuques, as batidas, o gingado, hoje reconhecidos como legítimos brasileiros, mas que possuem passado de intimidade com os povos oriundos da África.

Quanto mais conhecermos nossa história e valorizarmos nossa arte e nosso patrimônio cultural, mais capazes seremos de preservar nossas memórias e de construir novas.

Agradeço o convite para dividir com o público uma coleção de arte africana que foi construída ao longo de cinco décadas. E parablenizo esta iniciativa inovadora do Museu de Arte Sacra e Diversidade Religiosa de Olímpia (SP), que ao propor a exposição “A outra África: trabalho e religiosidade” reafirma sua missão de preservar, conservar, expor, pesquisar e, principalmente, de se colocar a serviço da sociedade, procurando assim transformar e contribuir para a dinâmica cultural do país.

Que esta exposição nos una ainda mais às nossas origens.

Axé!

**Beatriz Yunes Guarita**  
Diretora Presidente – Coleção Ivani e Jorge Yunes

<sup>1</sup> Jambo é um cumprimento de boas-vindas na língua suaíli.



4. Máscara  
Cultura: bakwele • Gabão/  
República Democrática do Congo  
47cm H x 32,5cm L • Séc. XX

5. Máscara Epa  
Cultura: ekiti-iorubá • Nigéria •  
122cm H x 34cm L • Séc. XX

capa. Cruz Processional Copta  
Etiópia • 39cm H x 28cm L • Séc. XX

acervo de arte africana e afro-cristã.  
Coleção Ivani e Jorge Yunes

fotos. Estevan dos Anjos  
projeto gráfico. Ludovico Desenho  
Gráfico

5



De 24 de novembro de 2021  
a 31 de maio de 2022

Visitação: terça a domingo das 15h às 21h

Museu de Arte Sacra e Diversidade Religiosa  
Rua David Oliveira, 420 – Centro – Olímpia – SP

Apoio



Realização

Museu de Arte Sacra e  
Diversidade Religiosa

Secretaria de  
Turismo e Cultura



# A Outra África: trabalho e religiosidade

De 24 de novembro de 2021 a 31 de maio de 2022  
**Museu de Arte Sacra e Diversidade Religiosa**  
Olímpia SP



1

## A herança africana na arte sacra brasileira

A arte sacra cristã de influência africana no Brasil é o resultado das intensas trocas culturais e comerciais de Portugal com os territórios de Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, São Tomé e Príncipe, Moçambique e o reino do Congo cristianizado desde final do século XV.

A circulação de escravizados do Congo cristão, na África Central, trouxe a devoção ao Santo Antônio e que adquiriu nova configuração adaptada à madeira escura da araucária no Vale do Rio Paraíba do Sul. O nome baçongo Toni Malau significa “Antônio da Boa Sorte”. Localizamos uma série dessas imagens luso-congolesas em metais dourados, bronzes, ossos, marfins, cedros e ébanos nos acervos de museus da República Democrática do Congo, Portugal e Estados Unidos, aparentados com os nossos santos em nó de pinho, confirmando o traço que originou as peças do ciclo do café.

Redescobertos pelo colecionismo moderno, estes patuás do ciclo do café despertaram um grande interesse antropológico relacionado à diáspora africana. Indivíduos arrancados à força de suas aldeias preservaram valores e esperanças diante do trabalho escravo nos cafezais, embora a viagem ao Brasil se configurasse em um caminho sem volta. Talismãs que, em sua singularidade artística transcenderam, preconizando manifestações de arte popular ampliadas na cultura contemporânea.

Ao lado das preciosas imagens paulistas, o núcleo afro-cristão da exposição “A Outra África MAS-Olimpia” apresenta os chamados *Black-a-Moor* (figuras antropomórficas mouras produzidas como tocheiros ou peças decorativas originárias da cultura veneziana), as pinturas sul-americanas mestiças, os balangandãs da Bahia, imaginária colonial e grandes nomes da arte sacra erudita afro-brasileira – a exemplo de Mestre Valentim da Fonseca e Silva (1745-1813) e Antônio Francisco Lisboa “o Aleijadinho” (1738-1814) – considerado um dos maiores expoentes do Barroco nas Américas.

**Rafael Schunk**

Curador e pesquisador de arte sacra



2

1. Nossa Senhora da Conceição Aparecida  
Escultor anônimo • 120cm H x 50cm L • Séc. XX
2. Máscara Epa  
Cultura: iorubá • Nigéria • 120cm H x 30cm L • Séc. XX
3. Máscara Ngaady a Mwash  
Cultura: kuba • República Democrática do Congo  
37cm H x 22cm L • Séc. XX



3

## Por Outras Áfricas

*Se as portas da percepção fossem limpas, tudo  
apareceria ao homem tal como é: infinito.  
Pois o homem encerrou-se em si mesmo, a ponto  
de ver tudo pelas estreitas fendas de sua caverna.*

(William Blake, 1757-1827)  
“Casamento do Céu e do Inferno”

A corrida pelos tesouros do capital humano, animal, mineral, vegetal..., em resumo, pelos “comóditos” africanos, era o suprassumo dos interesses que esse continente despertou em muitos olhos alheios. Essa foi a história de uma África que precisou ser conformada a interesses que muitas vezes usurpavam a sua voz, identidade, humanidade e beleza. Outra África floresce!

Nesta Mostra “A Outra África: trabalho e religiosidade – Olímpia, uma seleção de objetos da cultura artística africana pertencentes à Coleção Ivani e Jorge Yunes (SP) apresenta uma África que se remete ao mundo tradicional. Mas esta é uma África que readaptou originalmente o trabalho de arte no mundo contemporâneo, fazendo do cotidiano do artista popular africano uma homenagem aos seus, aos nossos ancestrais.

Ouçamos a outra África falar! A cada gesto do escultor, a cada carícia na argila modelada e transformada em terracota, a cada som de seus instrumentos, a cada máscara dançada ou a cada movimento das mãos desses trabalhadores da arte popular da África, os nossos sentidos se excitam e comungamos universalmente dos mesmos interesses pelos mistérios da vida, nos quais se encerravam os nossos ancestrais. As nossas distâncias, assim, diminuem. A arte pode nos transformar! São muitas as outras “Áfricas” dentro do que ela realmente é, mas de tudo o que sabemos hoje, certamente ela é a nossa Mãe África! Partindo daí, a voz ancestral que nos guia nos apontará para um futuro no qual, nos encontraremos a nós mesmos, braços dados ou não.

**Renato Araújo da Silva**

Curador e pesquisador de arte africana